

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SABERES EM CONSTRUÇÃO

Marciana Pelin Kliemann – prof.marciana@hotmail.com

Mestrado em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) e doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

RESUMO: o objetivo deste artigo é propor saberes sobre inclusão, rememorar condições históricas, discutindo e afluando a proposta atual. Se outrora pareciam imutáveis, atualmente percebe-se a volatilidade de conceitos, posições, nomenclaturas e ações de acessibilidade, as condições de estudo e promoção da educação inclusiva, ainda que, 12 anos após a implantação da proposta brasileira de Educação Inclusiva no Brasil, pode-se perceber que os avanços, apesar de serem vastos, são insuficientes para realmente garantir as condições de acesso e permanência de todos os estudantes, ainda mais daqueles que precisam de serviços e recursos que permitam condições de efetivo crescimento acadêmico e social. Na segunda sessão deste artigo, propõem-se algumas atividades práticas que podem ser desenvolvidas em sala de aula, com o intuito de incluir todos e prover situações de ensino e aprendizagem significativas e condizentes com todas as necessidades variadas de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Ambiente Escolar. Formação de Professores. Deficiências.

1 INTRODUÇÃO

Muito tem se discutido na atualidade sobre a inclusão de pessoas com deficiência, tanto na sociedade como um todo, quanto no ambiente escolar. E para que essa inclusão seja possível, é necessário que toda a comunidade escolar tenha conhecimento sobre a natureza das deficiências, a fim de que ela reconheça o espaço escolar como um lugar para todos, a importância da escola para a pessoa com deficiência e as possibilidades do desenvolvimento pleno do aluno.

Um indivíduo deficiente pode ser definido, de acordo com Gil (2005 *apud* TENOR, 2012, p 10), como a pessoa “que apresenta, em comparação a maioria das pessoas, significativas diferenças, físicas, sensoriais ou intelectuais decorrentes de fatores congênitos e ou adquiridos, de caráter permanente e que acarretam dificuldades em sua interação com o meio físico e social”.

O processo de ensinagem para crianças e jovens com necessidades educacionais especiais (NEE) ainda é um desafio. Nos últimos doze anos, período em que a inclusão se tornou realidade, com a imposição das leis e dada a necessidade, surge uma escola que procede atendendo esse novo aluno, ao mesmo tempo em que aprendia a fazer isso.

A inclusão propriamente dita não cria espaços específicos e diferenciados para separar crianças e sujeitos com necessidades especiais das demais, e sim busca ambientar todos esses indivíduos em um espaço comum, visando sua integração na sociedade como um todo. Existem

cada vez mais exemplos da forma como uma escola realmente flexível e centrada na criança deve ser, contudo, é essencial que a escola não seja vista de uma maneira rígida e tradicional. Ela precisa ser uma comunidade muito flexível e orientada para a criança e responder de forma criativa à situação local.

Este reconhecimento traz resultados às vezes difíceis de aceitar, pois a deficiência não é mais somente aquela diagnosticada, como também ter habilidades específicas não é característica de pessoa exemplar; ambas são qualidades próprias de qualquer ser humano. Somos todos, parte de uma mesma comunidade, que se completa com a presença e cooperação de cada um, pois todos têm algo com que contribuir na interação com o outro, o que distingue a forma de utilização da tecnologia assistiva para cada uma das especificidades.

2 PERMEANDO CAMINHOS HISTÓRICOS

A Declaração Mundial da Educação para Todos, na Tailândia 1990, não usou o termo **inclusão**, várias declarações mostram a importância de assegurar que as pessoas dos grupos marginalizados têm direito ao acesso à educação no sistema de escola regular. A educação inclusiva significa uma resposta a diversidade em todas as suas formas e cria um sistema educativo que se adapte a todos. As escolas regulares, criam comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos: provendo eficiência, numa ótima relação custo-benefício, de todo o sistema educativo (STUBBS, 2010).

O termo **inclusivo** foi usado na República do Senegal, país da África Ocidental, no tratado de *Dakar*, eles se comprometeram a criar ambientes seguros, saudáveis, inclusivos e equitativamente dotados de recursos que conduzam à excelência na aprendizagem e níveis de desempenho claramente definido para todos.

O trabalho na Educação exige muito mais do educador, pois, além do compromisso de ensinar e auxiliar na construção do conhecimento, o educador precisa ter entusiasmo e acreditar no potencial de seu educando, com mudanças constantes na sua prática pedagógica, seus objetivos e perspectivas. Para isso, o professor que prima pelo seu conhecimento pode dispor de uma infinidade de tecnologias para transformar a sua aula em uma gostosa viabilização da vida, do ensinar, do aprender e da função da escola dentro de um contexto social, inclusivo e a autonomia do aprendente especial.

A educação inclusiva é uma prática inovadora que está enfatizando a qualidade de ensino para todos os aprendentes, exigindo que a escola se modernize e que os professores aperfeiçoem suas práticas pedagógicas. É um paradigma que desafia o educador a aprender mais sobre a diversidade humana a fim de

compreender os diferentes modos de cada ser humano ser, pensar, sentir e agir (ROSA, 2005, p. 12).

As pessoas com deficiência vêm conquistando cada vez mais seus espaços e seus direitos na sociedade atual, mas muitas foram suas lutas até chegar a essas conquistas. Segundo Carvalho, Rocha e Silva (2006, p.12), ao buscar e analisar as condições de existência das pessoas com deficiência ao longo da história, podem ser encontradas diferentes formas de tratamentos, destinados a esse segmento social. As principais formas podem ser resumidas nos modelos de extermínio ou abandono, da institucionalização, da integração e da inclusão. Os entendimentos explicativos a respeito das causas com deficiências, bem como das possibilidades de existência para aqueles que as possuem, podem ser agrupados nos modelos místicos, biológicos e sociopsicológicos.

De acordo com Bianchetti (1995) e Carvalho, Rocha e Silva (2006), na sociedade primitiva, as pessoas com alguma deficiência (cegas, surdas, intelectuais...) que tivessem alguma dificuldade de locomoção, de seguir as comunidades nômades para sobreviver precisavam se mudar constantemente para garantir os alimentos através da caça e da pesca; com a dificuldade de acompanhar o grupo, essas pessoas acabavam se tornando um peso para os demais integrantes do grupo e, então, eram abandonados, acabavam morrendo de fome e no tempo.

Na sociedade grega, buscava-se o corpo perfeito, além dos homens serem preparados para a guerra. Quando algum indivíduo nascia com "defeito", não se encaixando nos padrões gregos, era eliminado, ato este chamado por Bianchetti (1995) de uma eugenia radical.

No período feudal, sob o paradigma judaico-cristão, começa a valorização da alma: a religião passa a dominar, pregando que, se o indivíduo nascesse com alguma deficiência, era para pagar algum pecado ou por uma força demoníaca.

Essa visão mística da deficiência foi gradativamente sendo superada pelo progresso científico, rompendo com o fatalismo e apresentando um modelo biológico que abriu as possibilidades para a educação das pessoas com deficiência. Todavia, em nome dessa mesma educação e voltada ao trabalho, houve um grande período de institucionalização das pessoas com deficiência.

Segundo Amiralian (1986), o contexto de excepcionalidade modificou-se ao longo do tempo. Essa modificação ocorreu devido à mudança do contexto histórico em que o excepcional atua, assim, até a Renascença, período que antecedeu a descoberta do método científico, o mesmo era considerado um possuído. Era prática comum a trepanação ou enclausuramento em asilos.

Com o advento da ciência, o conceito de excepcionalidade passa a ser o de doente. Tal modificação ocorreu impulsionada por uma visão organicista dos fenômenos humanos. As

condições favoráveis para as pessoas com necessidades especiais surgiram por iniciativa de pessoas que tinham uma visão do excepcional com condição humana. Além disso, com o desenvolvimento da ciência da educação, houve uma maior compreensão das necessidades do ser humano, que trouxe uma nova visão a respeito do excepcional, passando a se desenvolver e conviver na sociedade.

De acordo com Mazzota (2001), o atendimento aos excepcionais, no Brasil, deu-se, no século XIX, por iniciativas oficiais e particulares, isoladas, refletindo o interesse de alguns educadores pelos atendimentos educacionais, inspirados por experiências europeias e norte-americanas, no entanto, o atendimento a essas pessoas ocorreu sempre de maneira assistencialista.

Na atualidade, a perspectiva após 2000, mediante as Leis de Inclusão no Brasil e após inúmeras legislações, estamos inseridos no processo de inclusão social e escolar dos alunos que apresenta limitações sensoriais, físicas e motoras e intelectuais. Contudo, esse processo apresenta muitos pontos reflexivos.

Como mostra Manzini (1999, p. 86), “o processo de construção de um sistema educacional inclusivo é responsabilidade de todos os que fazem parte da sociedade”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB- Lei nº 9394/1996), em seu artigo 58, capítulo V, define a Educação Especial:

Como modalidade escolar para educandos com necessidades especiais preferencialmente, na rede regular de ensino deverão assegurar, entre outras coisas, professores especializados ou devidamente capacitados para atuar com qualquer pessoa especial em sala de aula. Admite também que, nos casos em que necessidades especiais do aluno impeçam que se desenvolva satisfatoriamente nas classes existentes, este teria o direito de ser educado em classe ou serviço especializado.

Pode-se falar em inclusão dos deficientes no ensino regular, à medida que esses segmentos se mobilizarem para tentar minimizar o tema em estudo, certamente se estará dando um passo definitivo contra a exclusão e a favor da inclusão, constituindo um motivo para que a escola se modernize e atenda as exigências de uma sociedade que não admite preconceito, discriminação, barreiras sociais, culturais ou pessoais.

As barreiras a serem superadas para construir uma nova cultura no Ensino Regular incluem uma série de desafios, sendo que o professor é o principal responsável pela tarefa fundamental da escola, que é a aprendizagem dos alunos, porém, existem muitos outros fatores importantes para complementar o papel deste profissional, pois a inclusão escolar exige o comprometimento de todos: professores, diretores, pais, secretários de educação, a comunidade e, principalmente, atitudes governamentais.

A inclusão é mais do que presença física, é muito mais que acessibilidade arquitetônica, é muito mais que matricular aprendentes com deficiência nas salas de aula do ensino regular, é bem mais do que o movimento da educação especial, pois se impõe como movimento responsável que não pode abrir mão de uma rede de ajuda e apoio aos educadores, aprendentes e familiares [...] A educação inclusiva ainda se prefigura um grande desafio na atualidade, tanto para a escola, que historicamente caracterizou-se por uma educação voltada a atender e desenvolver um grupo privilegiado da sociedade, quanto para o docente que tem nas mãos o compromisso de assegurar a todos o acesso à vasta gama de oportunidades educacionais e sociais que a escola oferece (CARVALHO, 2004 *apud* SEED, 2008, p. 6).

Segundo Mantoan (2004), para incluir é necessária uma mudança de atitude de toda a sociedade frente às diferenças existentes no ser humano. A educação inclusiva é uma proposta que, para dar certo, necessita de um professor aberto às diferenças e disponível a trabalhar nesse processo.

Glat (1998) afirma que uma das principais barreiras à inclusão no Ensino Regular é o despreparo dos professores em receber os alunos com necessidades especiais. Estes, muitas vezes, não têm conhecimento sobre o processo inclusivo, pois se percebe que existem dificuldades dos professores em incluí-los regularmente.

Sendo assim, é preciso que toda a sociedade se una num processo de inclusão, pois a inclusão é o paradoxo da exclusão, por isso, são necessárias as legislações e decretos, e mesmo com isso vemos uma sociedade excludente, discriminatória, na qual a minoria está sempre à margem. Esse cenário só vai se transformar quando todos trabalharem juntos, diminuindo essa exclusão e diferença que há entre as pessoas, tornando um abismo que impede de vivenciar o que há de mais precioso: a vida, com seus valores éticos e morais.

Mantoan (2005, p.25) relata que, para garantir a inclusão na escola, é necessária a conscientização de toda a sociedade, incluindo-se as atitudes políticas e uma total transformação em todo o Sistema de Educação, que viabiliza o atendimento de pessoas deficientes na escola. As adaptações devem ser feitas conforme a necessidade de cada aluno. Isso implica em adaptações físicas, oferecer atendimento educacional especializado, paralelamente às aulas regulares. É fundamental a escola ter um projeto pedagógico que dê conta das diferenças, que valorize a cultura, a história e a experiência de cada um.

Não se pode generalizar, mas sabe-se que em alguns casos a escola rotula seus alunos, ou a própria família cria barreiras para protegê-los e inconscientemente acabam por prejudicá-los, fazendo com que eles não interajam como pessoas normais e podendo a possibilidades de se tornar um adulto ativo na sociedade, como afirma Raiça (1999, p.8).

Embora muitas vezes limitada, essa criança é capaz de aprender a realizar determinadas atividades, tão bem como outras crianças normais, desde que lhe sejam dadas as oportunidades de desenvolver ao máximo suas capacidades de conviver com outras crianças e, assim, também contribuindo para que, quando adulto, venha a ter um ajustamento social satisfatório.

O contexto da educação inclusiva é um processo diferenciado; não é possível o professor trabalhar com metodologias tradicionais ou apenas com uma metodologia, objetivando o aprendizado de todos os aprendentes, especialmente aqueles com diferentes dificuldades e especificidades, pois, para que possam aprender, é necessário que o professor varie sua metodologia, utilizando aspectos lúdicos e criativos.

2.1 ALGUMAS SUGESTÕES AOS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM ESTUDANTES INCLUSOS NA SALA DE AULA

A inclusão depende de muitos fatores, dentre eles Situações de Ensino-Aprendizagem diversificadas, como: materiais concretos, a utilização de Tecnologia de Comunicação Digital, menção e relação com o esquema corporal e a psicomotricidade do grupo e experimentações.

Atividade – 1 – SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL – Figura 1

Material: Ábaco

Objetivo: Trabalhar com o valor posicional dos números, classe e ordem numérica.

Disciplinas: Matemática e Educação Física.

Figura 1 – Ábaco com copinhos



Fonte: elaborado pela autora

Atividade: Contar os objetos um a um e registrar a quantidade no ábaco. Propor, aos estudantes, números que são apenas unidades e números formados pela dezena, com vistas ao valor posicional e a representação numérica. Propor situações-problema, objetivando a ação aditiva e subtrativa. O trabalho sempre é sugerido e idealizado para ser realizado com todo o grupo e não apenas com os alunos que estão inclusos. Assim, minimiza-se a distância entre eles, afinal, todos os sujeitos da sala de aula anseiam pelo trabalho com materiais diferentes e diversificados.

Atividade – 2 – FANTOCHES E DEDOCHES – Figura 2

Material: EVA, tesoura, cola quente, retalho de feltro ou EVA, e outros acessórios, botões, fitas, cordões, olhos móveis, etc.

Objetivos: Propiciar o desenvolvimento da coordenação motora ampla e fina;
Trabalhar com contos em forma de teatro, em que os alunos participam, desenvolvendo sua oralidade e oratória.

Disciplinas: todas.

Figura 2 – Fantoches e Dedoches



Fonte: elaborado pela autora

Atividade: primeiro, para fazer o corpo dos dedoches, corte o material em formato ovalado e já faça o molde com as orelhas dos bichinhos. Para desenvolver o fantoche desejado, vá colocando os detalhes, como olhos, boca, etc. também pode usar canetas, canetinhas para destacar algumas partes desejadas. Use cola quente para fechar o fantoche do tamanho desejado. Os formatos e as ilustrações podem ficar a critério dos alunos ou de quem estiver orientando o trabalho, podendo ir além e implementando detalhes criativos.

Atividade – 3 – RATOS SALTITANTES – Figura 3

Material: Balão linguíça/espaguete, bomba para encher os balões.

Objetivos: Trabalhar com a coordenação motora fina;

Explorar o material para contação de história, poesia, curta-metragem;

Utilizar o material nos conteúdos de matemática (medidas e comprimento), altura, distância e noções de posição.

Disciplinas: todas.

Figura 3 – Ratos saltitantes



Fonte: elaborado pela autora

Atividade: Organizar a sala, para explorar os itens envolvendo a temática: OS RATOS- tipo de roedor que é o rato; curta-metragem: Castelo Ra-Tim-Bum - Banho É Bom, doença transmitida pelo rato; gênero Fábula: O Leão e o Ratinho e demais assuntos que possam ser pertinentes para o trabalho. Modelar o camundongo com balão e, depois que estiver pronto, dispor os estudantes em fileiras de pé e ao comando do professor, de um a um, os alunos arremessarão os ratos em uma determinada distância, medindo em passos (medida arbitrária), a distância de cada um, envolvendo desta vez as medidas de comprimento na Matemática.

Atividade – 4 – BRINCANDO COM PIÕES – Figura 4

Material: Cd velho, bola de gude e tampinha de garrafa pet.

Objetivo: Proporcionar aos estudantes o aperfeiçoamento da coordenação óculo-manual e atrelar o brinquedo com os conteúdos curriculares.

Disciplinas: este material poderá ser adaptado em todas as disciplinas.

Figura 4 – Pião com a temática “times de futebol”



Fonte: elaborado pela autora

Atividade: neste caso específico, as disciplinas abordadas são: Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática. Os alunos farão pesquisa de quais times de futebol são os favoritos por eles e qual a torcida com maior número de torcedores em sala. Após a investigação, construirão gráficos para representar os dados. Na sequência desta atividade, eles se unirão em grupos por separação dos times e farão uma pesquisa sobre a origem, localidade geográfica e identidade ideológica de cada time. A pesquisa poderá ser registrada e apresentada pelas formas multimodais de registro. Por fim, eles construirão um painel de palavras específicas e pontuações a critério do professor e os grupos poderão jogar então os seus piões, no local onde o brinquedo parar de girar, haverá um enigma que será resolvido pelo grupo que arremessou o pião.

Atividade – 5 – JOANINHAS – Figura 5

Material: Balões, pincel atômico, cola, tesoura, folha sulfite.

Objetivo: Promover a criatividade, coordenação motora ampla e fina, contagem numérica e oralidade.

Disciplinas: todas.

Figura 5 – Joaninha



Fonte: elaborado pela autora

Atividade: Entregar um balão para cada aluno; os professores orientarão para que o aluno encha os balões de cor vermelha, em seguida, os professores amarrarão os mesmos, constituindo o corpo da joaninha. Logo após, orientar para encher os balões de cor preta, mas não muito, pois será a cabeça da joaninha, e depois pregar os olhinhos e a boca, que poderão ser desenhados com pincel atômico ou o educador pode lavar prontos para a sala de aula. Nessa atividade, podem-se encaixar vários conteúdos que o educador trabalhará em sala, dentre esses, a contação de histórias, usando o corpo da joaninha. Na matemática, poderá ser trabalhada a noção de quantidade utilizando as pintinhas, quantidades de joaninhas, os alunos, etc.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é um desafio, que implica na reforma de pensamento de toda a sociedade. Para o acesso de pessoas com deficiência na Educação no Ensino Regular ser bem sucedido, é necessária a formação continuada dos profissionais da Educação.

Assim, independentemente das dificuldades de sua deficiência, todo aluno pode, a seu modo, beneficiar-se de programas educacionais, e ainda desenvolver suas atividades de necessidade básica, tais como alimentação, higiene, afeto, proteção e oportunidades para explorar o próprio corpo e o mundo à sua volta.

Para que essa educação seja realmente inclusiva precisa ser equânime e universal, ainda, a família e as comunidades devem fazer parte desse processo, minimizando o preconceito e a exclusão, garantindo a essas pessoas seus direitos, inclusive de suas necessidades básicas. Para isso é preciso ampliar as políticas públicas para serem inclusivas e não o contrário, dessa forma, o meio deve se adaptar a pessoa com deficiência e não essa ao meio.

Acreditar em uma inclusão ampla e completa é uma ilusão. É possível, sim, melhorar a convivência, encontrar caminhos, diminuir distâncias entre um e outro grupo. O relacionamento e a convivência podem ser aprendidos e com isso facilitar a adaptação dos deficientes na sociedade. Aceitar o diferente não é uma opção, é uma escolha sábia e necessária, pois eles fazem parte da nossa vida, estão nas ruas, praças, escolas. O mundo que vivemos também é mundo deles.

4 REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, M. L. T. M. **Psicologia do Excepcional**. v. 8. São Paulo: EPU, 1986.

BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 2, n. 3. 1995.

BRASIL. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Presidência da República, 1996.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. Mediação pedagógica no processo de desenvolvimento da comunicação em crianças surdocegas. **Temas em Psicologia da SBP**, n. 11, v. 2, p. 85-96. [s.d.]. 2003.

CARVALHO, A. R.; ROCHA, J. V.; SILVA, V. L. R. Pessoa com deficiência na história: modelos de tratamento e compreensão. In: Programa Institucional de Ações Relativas às pessoas com Necessidades Especiais - PEE (Org.). **Pessoa com deficiência na sociedade: aspectos teóricos e práticos.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2006.

GLAT, R. **Questões Atuais em Educação Especial.** A Integração Social dos Portadores de Deficiências. v. 1, 2. ed. Rio De Janeiro: Sette Letras, 1998. 54 p.

MANTOAN, M. T. E., GAIO, R; MENEGHETTI, R. G. K. (Orgs.). **Caminhos Pedagógicos da Educação Especial.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 80-93 p.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. **Nova Escola**, São Paulo, Edição 182, p. 24-26, maio. 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Caminhos pedagógicos da inclusão.** Disponível em: <<http://www.educaçãoonline.pro.br/art>>. Acesso em: 21 set. 2015.

MANZINI, E. **Integração de alunos com deficiências: perspectivas e prática pedagógica.** Marília: Unesp. FFC, 1999.

MAZZOTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas.** 3.ed. SP: Cortez, 2001.p. 27-28.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.**Rio de Janeiro: WVA, 1997.

RAIÇA, M. T. B. de O. **A Educação Especial do Deficiente Mental.** São Paulo: EPU, 1999.

TENOR, A. C. **A inclusão do aluno surdo no ensino regular na perspectiva de professores da rede municipal de ensino de Botucatu.** São Paulo, 2008. Disponível em: <www.centroruibianchi.sp.gov.br/usr/share/documents/AnaClaudiaTenor.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

VIGOSTKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas.** Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y educación, 1997. p.74-87.

Title

Inclusive education: knowledge under construction.

Abstract

The objective of this article is to propose knowledge about inclusion, to recall historical conditions, discussing and outlining the current proposal. If they once seemed to be immutable, the volatility of concepts, positions, nomenclatures and accessibility actions, the conditions for study and promotion of inclusive education is currently perceived, although, 12 years after the implementation of the Brazilian proposal for Inclusive Education in Brazil, - to realize that the advances, despite being vast, are insufficient to really guarantee the conditions of access and permanence of all students, even more than those who need services and resources that allow conditions of effective academic and social growth. In the second session of this article, we propose some practical activities that can be developed in the classroom, with the intention of including all and providing teaching and learning situations that are meaningful and consistent with all the varied learning needs.

Keywords

Inclusion. School environment. Teacher training. Deficiencies.

Recebido em: 10/11/2017.

Aceito em: 31/12/2017.